

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

CAPITÃO CUECA: LEITURA, DISCURSO E METÁFORA... EIS A QUESTÃO

Tânia Regina Pinto de Almeida (UERJ)
taniar62@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Para iniciar as reflexões propostas, faz-se necessário um breve resumo da narrativa que compõe a série. De acordo com a reportagem do *Jornal da Comunidade*, de Brasília, esta coleção tem estimulado seu público-alvo – as crianças – para a aquisição de inúmeros exemplares, batendo recordes de venda.

Escrita por Dav Pilkey, e tendo como personagens principais uma dupla de meninos que, segundo o narrador, *eram muito responsáveis por seus atos*, procurou-se investigar que vivências escolares os caracterizam e como a construção metafórica dos personagens se dá textualmente.

A história⁹⁷ se passa na Escola de Primeiro Grau Jerome Horwitz, onde estudavam dois amigos inseparáveis chamados Jorge Beard e Haroldo Hutchins, [...] *dois meninos que adoravam aventuras, contar piadas, fazer estripulias e armavam o caos na escola*(v1:9).

Os dois garotos gostavam de ir a *casa na árvore* – *E... Quem não gosta? - onde havia duas cadeiras felpudas, grandes e velhas, uma mesa, um armarinho lotado de balas e chocolates, um engradado cheio de lápis, canetas e pilhas e mais pilhas de papel* (v1:9).

Os dois amigos eram parceiros de longa data: *Haroldo desejava e Jorge inventava histórias* em quadrinhos (v1:10), que eram elaboradas a quatro mãos. Assim foi que, em uma delas, eles criaram a mais marcante: O Incrível Capitão Cueca, um super-herói, que voava de cuecas e que, também, as utilizava como *arma* para combater

⁹⁷ Todos os exemplos retirados do livro são numerados e entre parênteses.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

os inimigos, como: O Incomível Grude, Dr. Fraldinha, As privadas falantes, Ladrões de banco e muitos outros.

Portanto, a *injustiça era reprimida e o crime combatido com a astúcia do “incrível Capitão”* que, intencionalmente, é o Sr. Krupp, o diretor da escola que, hipnotizado – antes da transformação, passa por humilhações vexatórias frente aos meninos. Assim, o *malvado* Sr. Krupp é descrito como muito *severo e azedo* (v1:22), que *odiava* crianças (v1:22§2). É interessante perceber que o nome do diretor lembra a multinacional de aço alemã Thyssen Krupp, antes uma grande fabricante de canhões e outras armas. É este personagem, com quem as crianças mantinham uma relação intempestiva, transformado em Capitão Cueca, que conseguirá combater todos os crimes e dificuldades que tiver pelo caminho, em nome do companheirismo e da razão. Embora tenha o corpo de homem, suas atitudes são infantis, mas *heroicamente humanas* e não mais de *aço*, como antes, e a mudança de identidade é plenamente justificada. Quando Capitão, sr. Krupp, despido de seu terno, de sua peruca e de todos os artifícios de sua vida adulta, tornava-se criança e, como tal, sensível, generoso e justo.

Assim, fora dos muros escolares e desprovido da responsabilidade de diretor, o Sr. Krupp libertava-se da austeridade e passava a ser *o menino Capitão* que desafiava ladrões de banco com seus *poderes cuequentos e que*, a partir de então, participava das aventuras com os meninos, sendo um grande amigo. Mas, como fazer para que o Incrível Capitão Cueca se transformasse de novo no Sr. Krupp e voltasse a ser o diretor da escola Jerome Horwitz? Haroldo não havia lido o manual do anel Hipno 3-D, que fora comprado pelos meninos via jornal, cujo objetivo era *aprender a arte de hipnotizar, controlar seus inimigos e dominar o mundo*(v1:48), nem Jorge o fez, pois pensava tê-lo perdido. Tentaram usar o Hipno 3-D, mas este não funcionava. Em desespero, *Jorge joga água na cabeça do Capitão Cueca* (v1:117, do 3° ao 7°§s), que se transforma no diretor, Sr. Krupp. Desse dia em diante, cada vez que o Sr. Krupp escutava um estalo de dedos se transformava em Capitão Cueca, fazendo com que Jorge e Haroldo ficassem [...] *sempre de olho* em todos os passos do Sr. Krupp. *TRALÁLALALA!* (v1:125).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

NOVOS TEMPOS, NOVOS PERSONAGENS

A emergência da pós-modernidade exige mudanças significativas na educação, no processo ensino-aprendizagem e nas relações com a leitura de material gráfico. Do ponto de vista da sociedade em rede (Castells, 2003), alteram-se não só a morfologia social, como a economia, a estratificação, as relações de poder e as próprias características da infância, adolescência, juventude e fase adulta. Essa ebulição social e comportamental gera modificações de conceitos e sistemas que, antes, eram considerados soberanos. Não por acaso a escola brasileira procura, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais e outras orientações, a formação de leitores conscientes e de cidadãos aptos ao trabalho e à vida, embora se saiba que não se trata de uma fácil tarefa.

No volume 1 do Capitão Cueca, o questionamento em relação à instituição escolar e seu dirigente, em particular, aparecem de forma explícita no comportamento e nas atitudes dos personagens Jorge e Haroldo Hutchins. Parece que o objetivo do autor, Dav Pilkey, é divertir, sempre provocando uma leitura atenta por parte do público infantil; o que pode explicar, em grande parte, o sucesso de vendas da Coleção e o interesse do público pela sua leitura, segundo o artigo da professora A. Ferraz.

Partindo desse princípio, surge o seguinte questionamento: seria realmente esse o motivo, apresentado anteriormente, responsável pelo sucesso da Coleção ou um possível motivo seria a semelhança ideológica e social entre leitor e os personagens, tratando de percepções e conflitos comuns? Seria ingênuo supor que sejam as aventuras do super-herói em questão ou os erros ortográficos, que aparecem nos gibis de Jorge e Haroldo, os responsáveis pelo sucesso da obra, mas, sim, a identificação das crianças com o conceito de que a escola precisa reformular-se e adequar suas práticas pedagógicas a um novo público *antenido e plugado às mídias*, a fim de canalizar suas inquietações a favor da escola, e não contra ela.

Não cabe aqui condenar ou absolver o livro ou seu autor. A intenção é utilizar elementos que possam provocar questionamentos, ajudando a inferir conclusões construtivas para as práticas diárias dos educadores, que, com muita frequência,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

têm alunos resistentes à leitura dos livros prescritos. Em artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, Peter Burke - historiador inglês e autor de *O que é História Cultural?* - apresenta uma abordagem diferenciada sobre *O Capitão Cueca*. Escreve ele:

Personagens infantis contemporâneos como o Capitão Cueca misturam aventuras tradicionais com ironia e metalinguagem [...], ou seja, trabalham temas tradicionais de maneira renovada, oferecendo sinais de algo novo [...]. (Burke, 2009).

Essa talvez seja uma explicação bem simples do motivo de tanto prestígio da Coleção entre o público infantil, que, no artigo citado, é representado por seus netos.

O discurso rebelde e as atitudes irreverentes de Jorge e Haroldo em relação à escola (cenário do volume 1), de certa forma, facilitam a identificação e, talvez, incentivem as crianças a ações similares em relação à instituição ou semeando uma consciência crítica dos leitores. Um possível exemplo é quando na página 31, os personagens trocam as letras da placa da escola, mandando os meninos DESISTIR DA FINAL ao invés de ASSISTIR A FINAL do jogo. A obra também retrata a rebeldia de Jorge e Haroldo em face da ordem social da escola, ao [colocarem] pó de mico nos pompons das animadoras do jogo (v.1: 26) [ou ainda], espuma de banho nos instrumentos da banda (v.1:29), [no campeonato escolar], [e também] girinos na limonada dos torcedores (v.1:31). Mas a curiosidade dos fãs de Capitão Cueca supera a reflexão e a preocupação com as *perversas travessuras* de Jorge e Haroldo. O algo a mais, apontado por BURKE (2009), motiva a criança à leitura e à descoberta desse *novo-velho herói*.

A preocupação dos leitores, nesse caso, é com a *dinâmica do texto* e com o próprio discurso dos personagens, que motivam a criança à leitura, exemplificado a seguir pela sequência de falas do Capitão na página 69:

- (1) “*Que isso lhes sirva de lição*”, gritou o Capitão Cueca;
- (2) “*Ora, eu sou o Capitão Cueca, o maior super-herói do mundo*”, [ou ainda],

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- (3) “*Eu luto pela Verdade, pela Justiça e por tudo que é de Algodão Puro Previamente Encolhido!*”.

Heróis, que lutam pela justiça e pela verdade, povoam os livros de histórias e os contos de aventura muito antes de Jorge e Haroldo [escreverem] seus gibis e [venderem] na saída, no pátio da Escola Jerome Horwitz, a 50 centavos cada (v1 :12). Mas a novidade que Dav Pilkey traz é um *convite amigo* ao leitor de participação na aventura. Esse convite começa na construção do *super-herói épico*, que, apesar de ter corpo de homem, se veste como menino. Ainda como o Sr. Krupp, mas já hipnotizado pelos meninos:

- (4) [...] *rasga a cortina vermelha da janela de seu escritório, amarrando-a no pescoço. Depois, tira os sapatos, meias, camisa, calças e sua horrorosa peruca e canta “Tra-La-Laaaaa”* (v.1:59).

Como em uma *brincadeira de bonecos*, as crianças são estimuladas a *fazer de conta*, isto é, elas têm poder de vestir, despir, falar e agir com um *super-herói muito parecido com elas*. A forma dinâmica, divertida e ingênua do *virtuoso Capitão* dá poder de decisório aos pequenos e torna realidade a transformação do Sr. Krupp, o diretor malvado, em:

- (5) [...] *um coroa balofo, de cueca, com uma capa vermelha balançando nas costas correndo pelo estacionamento da escola*. (v.1:61)

Recurso visual e editorial como o *vire-o-game®* (v.1:3) - jogo onde a criança recebe instruções de como *funciona*. Parodiando um comercial de TV, Jorge e Haroldo anunciam o jogo em dois balões de fala:

- (6) Haroldo: — *Como todos sabem, nada incrementa mais estúpidas cenas de ação do que uma animação chocante*.
- (7) Jorge: — *Por isso, pela primeira vez na história da grande literatura, nós orgulhosamente trazemos para vocês a última conquista da tecnologia de animações chocantes: a arte do vire-o-game!* (v.1:83).

A irreverência dos personagens, contrapondo seu próprio discurso, provoca no leitor uma *quebra de expectativa*, que faz o texto *fluir* e a leitura acontecer de forma prazerosa.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Segundo Burke (2009), o cerne da questão não é o tema de aventura ou os erros ortográficos, mas a disposição coesa que esses diferentes discursos, fatos, imagens e brincadeiras se distribuem ao longo da narrativa.

Outra observação importante é a caracterização dos vilões *do romance épico*. O primeiro, Dr. Fraldinha (v.177) é [...] *um homenzinho estranho, usando fralda e rindo satanicamente*. Ao mesmo tempo em que o advérbio de modo “satanicamente” caracteriza o que se espera do vilão - ser mau, Fraldinha já tem *uma espécie de álibi antecipado* pelo diminutivo, *homenzinho*.

A partir desse momento, quase tudo passa a ser esperado, já que o leitor começa a questionar modelos, valores, conceitos e imagens previamente internalizados e aceitos como o que não é certo, é errado; o que não é bom, é mau. Mas, porque o Sr. Krupp que [...] *era o diretor mais malvado e azedo que a Escola Jerome Horwitz teve em toda a sua história* [...],(v.1:22) [não pode, através da história], e, [...] *de algumas extravagantes estripulias, ser transformado no super-herói mais legal de todos os tempos*[...]. (v.1:25)

Segundo Coelho (2007), os erros ortográficos, nos gibis dos meninos, podem levar a novas práticas pedagógicas em sala de aula – como podemos constatar através de imagens que se encontram disponíveis no blog do capitão (<http://blog.capitaocueca.com.br>), mas não são os erros gramaticais os elementos motivadores à leitura da coleção.

O fazer *brincar de pensar* da narrativa é que, pode ser considerado, o diferencial de Dav Pilkey em *As Aventuras do Capitão Cueca*.

Essa brincadeira textual pode ser acompanhada desde o início da história. A presença de quebra-cabeças com as letras das palavras ESCOLHA DE FLORES (v1:5), que passa a COLHA FEDORES (v1:6), é uma prática que acontece para justificar a *veia artística* (v1:25) de Jorge Beard e Haroldo Hutchins; ou ainda (v1:31),

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

“[...]DESISTAM DA FINAL HOJE em vez de ASSISTAM À FINAL DO CAMPEONATO DE HOJE”. (v1:25).

A presença constante de frases e períodos curtos dá dinamismo ao texto e transforma o formal (romance épico) em linguagem oral (diálogo):

- (8) [...]Conheça Jorge Beard e Haroldo Hutchins. Jorge é o garoto da esquerda, de gravatinha e cabeça chata. Haroldo é o da direita, de camiseta e um corte de cabelo esquisito. Não esqueça quem é quem. (v1:5); [ou ainda]: [...] eles eram bons meninos. Não importa o que o mundo inteiro pense, eles eram bons, doces e adoráveis ... Bem, OK, talvez não tão doces e adoráveis, mas bons assim mesmo.”(v1:7).

Os verbos *dicendi*, cuja principal função é indicar o interlocutor que está com a palavra, e pertencem, *grosso modo*, a nove áreas semânticas, cada uma das quais inclui vários de sentido geral e muitos de sentido específico (Garcia, 2006):

- (9) “Boa”, disse Haroldo. (v1 :11);
(10) Lembra que eu disse que a “veia artística” de Jorge e Haroldo, uma vez, os colocou em GRANDES apuros?(v.1 :25);
(11) “Ei!”, gritou um torcedor na arquibancada (v1 :27); ou
(12) “Quem será que fez isso?”, perguntou outro torcedor. (v1 :27)

A presença de constante de adjetivos, advérbios, diminutivos e superlativos que constroem ou desconstroem personagens de acordo com a vontade do narrador induz o leitor, à tomada de posição *orientada* dentro narrativa:

- (13) O Sr. Krupp odiava Jorge e Haroldo. Ele odiava suas estripulias e suas piadas. Odiava suas atitudes bobas e suas constantes risadinhas. E odiava especialmente os terríveis gibis do Capitão Cueca. (v.1:23);
(14) [...] A final do campeonato foi cancelada, e todo mundo na escola ficou chateadíssimo (v.1:31);
(15) [...] O Sr. Krupp estava sorrindo. Desde que Jorge e Haroldo conheceram o Sr. Krupp, eles nunca, nunquinha, tinham visto o diretor sorrir. (v.1:34);
(16) [...] Eles soltaram o saco de dinheiro no chão, rindo histericamente.”(v.1:68)

A repetição vocabular, verbal e de sinais de pontuação também são elementos constantes no texto, como em:

- (17) [...] “Destruir invasores!”. “Destruir invasores!” (v.1:84);
(18) “Oh, não!”, disse Haroldo.[pela primeira vez]; “Oh, não!”, disse Haroldo,[pela segunda vez];
(19) “Oh, NÃO!”, exclamou Haroldo. “TÔ FORA!” (v.1:62);

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(20) “Socorro!”, gritou o Dr. Fraldinha. “Apagaram a luz! Apagaram a luz! Apagaram a luz!” (v.1:106).

Esses exemplos mostram que o recurso acima estabelece a coesão textual e faz com que a leitura progrida naturalmente.

A grande quantidade de ações verbais, em apenas um parágrafo, faz com que *o agir* seja mais importante que *o refletir*, e mais uma vez a história vai de encontro a expectativa do leitor: um livro grande (com mais de 100 páginas), com bastante ação e figuras, e de leitura fácil, pois o vocabulário é conhecido e vivenciado pela criança diariamente.

Sabemos que o indivíduo quando lê não procura captar, reconhecer, decodificar e interpretar exatamente todos os estímulos visuais; e *se não o faz é porque isso não é necessário para a compreensão textual como um todo* (Koch, 1988). O leitor não precisa de toda a informação visual e escrita que o texto tem a oferecer, já que pode prever parte dela, e também inferir uma série de outros conhecimentos, como nos exemplos anteriores.

O objetivo do leitor frente ao texto não é o de interpretar cada símbolo visual de forma particular, individual e pormenorizada. A progressão e o interesse pela leitura só ocorrem se houver entendimento do texto como um todo, isto é, se o leitor consegue interiorizar e relacionar o conhecimento recém adquirido com o previamente internalizado e criar um novo. O prazer da construção de *um conhecimento novo* e das inúmeras possibilidades que esse novo proporcionará é que transforma *o ato individual de ler em hábito coletivo*. Quando esse prazer se socializa formam-se leitores não por dever, mas pela sua própria motivação. e através dessa socialização ver a edição de livro abrir espaço editorial a uma coleção de sucesso.

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DOS PERSONAGENS JORGE, HAROLDO, SR. KRUPP E CAPITAÇÃO CUECA⁹⁸

⁹⁸ Os exemplos do livro são representados graficamente e entre parênteses.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Os quatro personagens serão caracterizados tanto física quanto psicologicamente neste texto, porque esta marcação facilita ao leitor e proporciona progressão à leitura.

Os protagonistas dessa aventura, Jorge e Haroldo, são estudantes da quarta série, agora 5º ano no Sistema Escolar Brasileiro, do Ensino Fundamental da Escola Jerome Horwitz. Eles criam histórias em quadrinhos: o primeiro escreve; e o segundo desenha. Os meninos são apresentados como:

- (21) *Jorge Beard, o de gravatinha e cabeça chata, e Haroldo, o de camiseta e um corte de cabelo esquisito* (v1:1).

A escolha lexical é cuidadosa e a presença de adjetivos que enaltecem os meninos e abrandam suas travessuras estão presentes ao longo de todo o volume. Observem-se alguns exemplos:

1. Ao utilizar o vocábulo *responsável*, o autor refere-se aos meninos como sendo *os responsáveis* (substantivo comum determinado pelo artigo definido “os”, que os determina como sujeitos responsáveis por suas atitudes e suas travessuras). Em contraponto, emprega o mesmo vocábulo com sentido diferente, *brincando* com o conhecimento textual do leitor, em:

- (22) [...] *eles eram meninos muito responsáveis. Quando acontecia alguma coisa, [...]*. (v.1:6)

2. Já no caso do adjetivo *bom*, o autor emprega-o, ressaltando que, independente do que os meninos fizessem de travessura, eles não faziam “por maldade”, mas, sim, “por brincadeira”. E, de certa forma, o autor explica e dialoga com o leitor sobre a construção dos personagens na narrativa.

- (23) “*Não importa o que o mundo inteiro pense, eles eram bons, doces e adoráveis... Bem, OK, talvez não tão doces e adoráveis, mas bons assim mesmo....*”. (v. 1:7)

3. O jogo polissêmico vocabular na construção do exemplo 5 é também utilizado em: “*veia artística*” e nos exemplos 6 a 10, com o Sr. Krupp - o diretor da escola -, cuja escolha de adjetivos, verbos, diminutivos e substantivos marca a personalidade austera e impiedosa do diretor com os meninos e em seu grupo:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- (24) ... *Só que Jorge e Haroldo tinham uma “veia artística” muito forte, viviam fazendo arte. Em geral, isso os colocava em apuros. E uma vez, eles entraram em grandes, GRANDES apuros...*(v1:8).
- (25) [...] *Ele odiava o barulho das crianças brincando no recreio... Na verdade, ele odiava crianças! E adivinhe quem eram os dois meninos que ele mais odiava? Se você disse Jorge e Haroldo, acertou! O sr. Krupp odiava Jorge e Haroldo. Ele odiava suas estripulias e duas piadas. Odiava suas atitudes bobas e suas constantes risadinhas. E odiava especialmente os terríveis gibis do Capitão Cueca.* (v1:22-23).
- (26) [...] *Ele sorria, mas um sorriso demoníaco* (v1:36) e só era capaz de dar mil gargalhadas (v1:41) quando esfregava no nariz dos meninos as regras que teriam que obedecer *Tim-tim-por-tim-tim até o final de suas vidas* (v1:41);
- (27) [...] *Ele era velho...* (v1:21), *malvado e azedo* (v1:22);
- (28) [...] *“Ah, que peninha”, disse o sr. Krupp. “Os meninos perderam um bom jogo”...* (v1:35)
- (29) [...] *Desde que Jorge e Haroldo conheceram o Sr. Krupp, eles nunca, nunquinha, tinham visto o diretor sorrir.* (v1:34).

A relação antagonônica entre os meninos, a escola e o diretor, no volume 1, pode ser também relacionada com a autobiografia de Dav Pilkey, que poderá ser encontrada no site www.davpilkey.com em *The Almost Completely True Adventures of Dav Pilkey*. Se não parece uma obra autobiográfica, verificam-se traços comuns entre as personalidades de Dav e a dos meninos, para quem [...] *life was pretty cool when I was little...and then school started.* (Minha vida era muito legal quando eu era pequeno... mas aí, começou a escola).⁹⁹

Outras identidades entre o autor e os personagens podem ser encontrados a seguir:

- (30) [...] *Após um dia inteiro contando piadas, fazendo estripulias e armando o caos na escola, Jorge e Haroldo gostavam de correr [...].*(v1:9)
- (31) *Você está vendo aquele cara velho, lá no alto, olhando pela janela ? É o Sr. Krupp, o diretor da escola. [...] o diretor mais malvado e azedo que a Escola de Primeiro Grau Jerome Horwitz teve em toda a sua história. Ele odiava risos e cantorias. Odiava o barulho das crianças brincando no recreio. Na verdade ele odiava crianças.*”(v1:21-22)

A irreverência dos seus personagens na escola e em sala de aula aparece neste exemplo:

⁹⁹ Tradução livre da autora.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- (32) [...] Jorge e Haroldo voltaram a ser o que sempre foram, armando estripulias, contando piadas e fazendo gibis. (v1:122)

Poderá também ser encontrada na biografia de Dav, quando:

[...] depois de ter sido levado à coordenação escolar várias vezes, diagnosticaram-me com ADD (Attention Déficit Disorder) e hiperativo. Todos em minha turma me achavam divertido, menos minha professora. Eu era sempre expulso de sala de aula, e como gostava muito de desenhar e de escrever, nos castigos, no corredor, arranjavam uma mesa, lápis de cera, papéis e lápis preto para que pudesse escrever e desenhar minhas histórias em quadrinhos [...]. (tradução livre da autobiografia encontrada no sítio da internet).

Outro ponto em comum entre Dav e os meninos é a revolta que os três nutriam por seus diretores devido a não aceitação de *seus dotes artísticos*, quando:

Um dia meu diretor me tirou de sala de aula e me disse: Eu sei que você pensa que é especial porque desenha, mas deixe-me dizer uma coisa: *artistas são comuns e você nunca será ninguém em sua vida, se ficar desenhando*. E essas palavras me arrastaram durante anos. ***Mas foi muito prazeroso provar que ele estava errado.***[...] (tradução livre da autobiografia encontrada no sítio da internet).

Mas o narrador onisciente de *As Aventuras do Capitão Cueca*, no capítulo 5:25, adianta uma *mudança de personalidade* do diretor (para que pudesse se tornar amigo dos meninos e, conseqüentemente, entender seus *dotes artísticos*) comandada e articulada pelos meninos:

- (33) *E de como algumas extravagantes estripulias (e uma pequena chantagem) transformaram o diretor do colégio no super-herói mais legal de todos os tempos.*

Assim, se infere que, fora *do muro* escolar e desprovido do cargo administrativo de diretor escolar, Sr. Krupp se liberta da austeridade e passa a ser o *menino-capitão* que desafia ladrões de banco com seus *poderes cuequentos* e que, agora, participa das aventuras com os meninos como um grande companheiro:

- (34) *O Capitão Cueca rapidamente se vestiu atrás de umas moitas. “Bem, como estou?, ele perguntou. “Está bonito, disse Jorge. “Agora faça cara de quem está realmente com raiva!” O Capitão Cueca fez a cara mais cruel que pôde. “Sabe”, falou Haroldo, “até que ele se parece com o Sr. Krupp!” “Haroldo”, sussurrou Jorge, “ele é o Sr. Krupp!” “É mesmo”, disse Haroldo. “Quase esqueci.” (v1:115).*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Nesse momento mágico, Haroldo até se esqueceu que sr. Krupp era *o diretor malvado e desumano*, achando que tinha se transformado no divertido Capitão, com personalidade própria, justo e poderoso.

A INTENCIONALIDADE DISCURSIVA E A LEITURA DE MUNDO.

Pode ser observado que a escola é marcada textualmente como uma instituição que não valorizava a *criatividade dos alunos* – Jorge e Haroldo –, que só escreviam suas *histórias* fora de seu ambiente escolar:

- (35) [...] *Jorge e Haroldo gostavam de correr para a velha casa na árvore, [...] havia [...] um engradado cheio de lápis, canetas, e pilhas e mais pilhas de papel. “Ao longo dos anos, eles haviam criado centenas de histórias e dúzias de super-heróis”.*(v1:9)
- (36) [...] Então, quando tinham uma chance, Jorge e Haroldo se escondiam no escritório e tiravam várias centenas de cópias da última aventura do Capitão Cueca. (v1:12).
- (37) Por quatro longos anos vocês fizeram gato e sapato dessa escola, e eu nunca tinha sido capaz de provar nada – até agora! (v1: 38).

A dialética textual é outro elemento importante no discurso, já que aproxima o autor e o leitor, o que é fundamental para a *criança escutar sua voz no texto*, assumindo na narrativa os papéis ora de autor, ora de personagem:

- (38) *Não importa o que o mundo inteiro pense, eles eram bons, doces e adoráveis ... “Bem, OK, talvez não tão doces e adoráveis, mas bons assim mesmo.”* (v1:7)
- (39) *E adivinhe quem eram os dois meninos que ele odiava? Se você disse Jorge e Haroldo, acertou!”* (v1:22-23)
- (40) *Lembra o que eu disse que a “veia artística” de Jorge e Haroldo, uma vez, os colocou em grandes, GRANDES apuros?* (v1:25)
- (41) *Se você tem pressão alta, ou se desmaia à vista de óleo lubrificante, recomendamos encarecidamente que se cuide e deixe de ser tão infantil* (v1:83).

Essa troca de papéis, a liberdade de expressão da criança e a importância que o autor dá à opinião do leitor no texto são fundamentais para fomentar a curiosidade infantil e, com isso, criar ou reforçar o hábito de leitura na criança. Em outros termos, o autor contribui para que o leitor tenha um papel mais ativo, em correspondência com o maior protagonismo da criança nas sociedades ocidentais contemporâneas. Por sinal, a educação centrada na criança e não no

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

adulto tem sido defendida por filósofos e educadores desde, pelo menos, o início do século XX, como os Pioneiros da Educação Nova no Brasil.

Por seu lado, a apresentação dos capítulos funciona como pista textual ao leitor, que começa a sua leitura já sabendo do assunto. Essa antecipação dos fatos, através de frases curtas, cria uma expectativa favorável sobre o que está por vir, e mais uma vez, o leitor se vê instigado à leitura e a *desvendar mistérios* ainda não totalmente esclarecidos, como em:

- (42) *Quadrinhos Casa na Árvore S/A*; (v1:9)
- (43) *O malvado sr. Krupp*; (v1:21)
- (44) *Curtindo a hipnose*; (v1:55)
- (45) *O capítulo de extrema violência gráfica (em vire-o-game)* (v1:83)
- (46) *Pra encurtar a história*; (v1:111) [e o]
- (47) *O fim?* (v1:121),[entre outros].

AS METÁFORAS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO E DOS PERSONAGENS

Trabalhando a semântica do texto de acordo com uma abordagem cognitiva, não se poderia deixar de analisar as construções metafóricas neste *corpus*. As motivações da metáfora¹⁰⁰, segundo Garcia (2006), são a *limitação normativa do vocábulo frente à riqueza e numerosidade das idéias a transmitir*, ou ainda, *o prazer estético da caracterização pitoresca*.

Em síntese didática, entende-se metáfora como uma significação [S] que consiste em dizer que uma coisa [C] é outra [D], em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um traço característico de [C] e o atributo *predominante encontrado em* [D], feita a exclusão de outros, secundários por não serem convenientes à caracterização de [C]¹⁰¹.

¹⁰⁰ Para conceituar metáfora serão utilizadas uma representação didática e a definição conceptual, sendo esta última adotada nos exemplos, utilizaremos uma representação didática e a definição conceptual, sendo esta última adotada em nossos exemplos.

¹⁰¹ Concepção didática. A representação didática, adaptada pela autora, encontrada em Garcia (2006, p. 9).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Vivemos de acordo com as metáforas que existem em nossa cultura, isto é: “ Não temos escolha: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, entender e ser entendido no mundo etc., precisamos obedecer às metáforas que nossa cultura nos coloca à disposição”. (Lakoff, 1980, p. 8)

A metáfora conceptual (Lakoff *apud* Sardinha, 2006:33) consiste, assim, na possibilidade real do individuo construir diferentes estruturas mentais a partir de um elemento motivador, que pode ser tanto uma palavra, uma imagem ou qualquer coisa que represente **algo** significativo, aceito e previamente incorporado à sociedade.

No livro em questão, vários são os exemplos desse *elemento motivador*: o primeiro deles é o adjetivo **épico** na expressão *romance épico*:

(48) *Um romance épico de DAV PILKEY*.(capa)

Ao se ler *romance épico* na capa de um livro, a metáfora fornece dois conceitos: **romance** e **épico**. Segundo esses conceitos, o livro será UM ROMANCE e será ÉPICO fazendo a remissão do leitor ao conceito que o vocábulo por si só constrói em sua mente. Daí a explicação do conceito metafórico estabelecido a partir de um domínio-fonte (o concreto que se estabelece a partir da experiência) e um domínio-alvo (o abstrato o que se deseja conceituar a partir da *fonte*). Portanto, se é romance ¹⁰²“pensamos em sentimentos, em casais, em harmonia, em ciúmes ou em emoções; e, sendo também épico “pensamos em heróis, em feitos fantásticos e grandiosos”. Mas, caso se deseje, ainda se pode ampliar mais ainda esses domínios, estabelecendo tantos quantos forem necessários à compreensão.

O estudo da metáfora no texto se fez necessário para justificar a tese de que a adequação textual e contextual da história ao seu público é a principal responsável pelo sucesso do Capitão Cueca. Essas estruturas, que acionamos a partir de elementos motivadores, são exercícios complexos para qualquer indivíduo se descontextualizados do seu meio. Poucos serão aqueles capazes de ler e de cultivar hábi-

¹⁰² As estruturas ideológicas(Lakoff, 1980) construídas tendo como base os vocábulos, romance e épico, foram realizadas pela autora, a partir das definições conceituais do Dicionário Houaiss, 2001.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tos de leitura se não conseguir entender o que lhes é apresentado pelo autor. Desse modo, os leitores, adultos ou crianças, precisam ser motivados não só a ler, mas também a permanecer na leitura, porque, quando na leitura falta interação ou troca, não existe mudança e não se pode falar em prazeres e hábitos.

Observem-se os títulos de alguns capítulos selecionados:

2 – *Quadrinhos Casa da Árvore S/A*;

3 – *O malvado Sr. Krupp*;

7 – *Uma pequena chantagem*;

10 – *O hipno-anel 3-D*;

14 – *O grande bum!*;

16 – *O capítulo de extrema violência gráfica (em vire-o-game®)*;

18 – *Pra encurtar a história*;

19 – *De volta à escola [e o]*

20 – *O fim?*

Com esta relação de títulos, já se pode criar várias estruturas metafóricas significativas que ajudaram o entendimento e a compreensão do texto por parte da criança, sem necessitar da intervenção de nenhum adulto: a escolha vocabular priorizou substantivos e adjetivos comuns que pertencem ao contexto do leitor.

Substantivos, como quadrinhos, casa, árvore, anel, história e escola, são considerados *domínios-fonte* que remetem o leitor a *domínios-alvo*, que serão os conteúdos dos capítulos. A estrutura metafórica aqui, em primeira análise, esclarece o leitor sobre o que será tratado mais adiante, nele criando no leitor a expectativa prazerosa do novo, da aventura, já que a escolha vocabular é baseada na oralidade, o que mais uma vez corrobora a significação contextual e sintática dos capítulos.

Entretanto, não só nos capítulos se encontram elementos passíveis de análise metafórica. Tome-se agora, como referência a construção, mais especificamente dois personagens: o Sr. Krupp e o Capitão Cueca. Embora representados por um único indivíduo, Krupp,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

suas construções obedecem à dos personagens de “Aventura”, onde o Capitão Cueca é o “anti-herói” (não é maldoso, de fato, pode até ser atrapalhado ou meio *louco*, porque na realidade é apenas *uma visão distorcida do herói*); enquanto o Diretor Krupp é o “vilão” (que se caracteriza por cometer ações duvidosas e moralmente questionáveis; personagem gerador de conflitos para os protagonistas da história, que tanto podem ser os heróis – os meninos, quanto o anti-herói.

Na realidade, o vilão é o personagem que age por pura maldade, sem se importar com o sofrimento dos outros, e que junto com o herói dividem o mesmo espaço sempre em conflito.

Sr. Krupp, o diretor, cuja fisionomia e expressão corporal expressam toda a maldade e perversidade de suas ações, é caracterizado por:

Substantivos:

- (49) *Você está vendo aquele cara velho, lá no alto, olhando pela janela?* (v1:21).

Adjetivos:

- (50) *Pois bem, o Sr. Krupp era o diretor mais malvado e azedo que a Escola de Primeiro Grau Jerome Horwitz teve em toda a sua história.*” (v1:22).

Verbos:

- (51) *Ele odiava suas estripulias* (v1: 23).
(52) *“Um dia pego esses meninos,” jurou o Sr. Krupp.* (v1:24)

“pegar” como maltratar e punir,

- (53) *O Sr. Krupp estava sorrindo. Desde que ... nunca o vimos sorrir.* (v1: 34)

Nesse caso, “sorrir” está grifado para marcar o sarcasmo de Krupp e não como expressão de alegria.

Gíria:

- (54) *“Não é legal esse show preliminar antes do jogo?” perguntou o sr. Krupp, com um sorriso demoníaco.*(v1:36)
(55) *Por quatro longos anos vocês fizeram gato e sapato dessa escola, e eu nunca tinha sido capaz de provar nada – até agora!*(v1:38)

Advérbios:

- (56) *Eles nunca, nunquinha viram o diretor sorrir.* (v1:34).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Por sua vez, o Capitão Cueca nasce a partir da *hipnose de Sr. Krupp*. A construção metafórica deste personagem ajuda a compreensão do texto. Partindo da suposta *nudez* do diretor, causada pela hipnose, os meninos decidem transformá-lo e, a partir daí (38), o Capitão Cueca passa a ser caracterizado e a sua presença passa a ser tão marcante no texto que até Haroldo esquece que o Capitão na realidade é o Sr. Krupp hipnotizado. A seguir numeram-se as sequências textuais, desde a nudez de Krupp e o nascimento do Capitão até ao retorno de Krupp à escola e ao seu cargo de diretor.

Os vocábulos em negrito mostram a escolha vocabular, totalmente diferente da mostrada anteriormente, já que os substantivos [S], adjetivos[A], verbos [V], expressões da gíria[G], e os advérbios [A] são usados para exaltar o caráter do Capitão e a nobreza das suas atitudes:

- (57) “Em que vamos transformar ele agora?” “Eu sei”, disse Haroldo, segurando um gibi do Capitão Cueca. “*Vamos transformá-lo no Capitão Cueca!*” “Boa idéia”, afirmou Jorge. Estalo! “Você é o maior super-herói de todos os tempos O Incrível [A] Capitão Cueca!” O sr. Krupp rasgou a cortina vermelha da janela de seu escritório e amarrou-a no pescoço. Depois, *tirou os sapatos, meias, camisa, calças e sua horrorosa peruca*. (v. 1:59. Grifado no original);
- (58) “Entreguem-se [V],!” disse o Capitão. “Ou precisarei recorrer aos Poderes Cuequentos [A],!”(v. 1: 69)
- (59) Jorge agarrou-o[V], no ar e os dois garotos fugiram em seus skates carregando o Capitão nos ombros. (v. 1:70)
- (60) A freada brusca fez o Capitão Cueca passar voando[V], por cima do teto da peruca e atravessar a porta principal do edifício. (v. 1:76)
- (61) “Espere” [V], pediu o Capitão Cueca. “Temos [V], que salvar [V], o mundo [S], primeiro!” (v. 1:103)
- (62) O Capitão Cueca rapidamente [Ad.] esticou [V], uma de suas cuecas e atirou-a [V], no Dr. Fraldinha. A cueca foi *parar bem* [G], na cabeça do malvado cientista. (v. 1: 106)
- (63) Caiu fogo dos céus em volta de nossos heróis [S], e a terra começou a se abrir sob seus pés. “Oh, NÃO!”, gritou Haroldo. “ESTAMOS PERDIDOS!” (v. 1:110)
- (64) Amarraram [V] o Dr. Fraldinha em um poste e nele grudaram um bilhete. “Pronto!”, disse o Capitão Cueca. “Acho que esse bilhete explica tudo.”(v. 1: 112)

Observe-se que na mesma página do livro aparecem os três (Jorge, Haroldo e o Capitão Cueca) com um barril no lugar da cueca, que fora utilizada para prender o Dr. Fraldinha no poste de luz, em frente à delegacia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- (65) Então Jorge e Haroldo levaram o Capitão Cueca de volta à Escola Jerome Horwitz. (v. 1: 114)
- (66) Por que viemos *aqui*[Ad.]?, perguntou o Capitão Cueca. (v. 1:114)
- (67) “Bem”, respondeu Jorge, “a sua identidade *secreta* [S e A]¹⁰³, trabalha aqui.” (v. 1:114)
- (68) “Ponha essas roupas, rapidinho!” “Não esqueça do cabelo [S],!”, recomendou Jorge. (v. 1:114)
- (69) “Sabe”, falou Haroldo, “até [P.E. de realce]¹⁰⁴, que ele se parece [V], com o Sr. Krupp!” (v. 1:114)
- (70) “Haroldo”, sussurrou Jorge, “ele é[V], o sr. Krupp!” (v. 1:115)
- (71) “É mesmo”, disse Haroldo. “Quase esqueci[V],.”(v. 1:115)

Portanto, pode-se constatar que as construções metafóricas não foram colocadas aleatoriamente no texto, mas propiciaram inferências, facilitando a leitura e possibilitando, dessa forma, uma leitura crítica e consciente da história e conferindo um significado social ao texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se sabe, uma das finalidades do artigo científico é servir de ponto de partida a ações que visam à busca de resultados. Agindo nesse sentido, espera-se que esse artigo amplie diferentes olhares sobre caminhos já percorridos na estrada da construção do conhecimento humano.

Assim, considera-se que, por esta análise do volume 1 da Coleção Capitão Cueca é possível apresentar o conceito de metáfora intimamente ligado à intencionalidade discursiva e à construção de um leitor crítico e consciente. Ao longo deste trabalho pode-se constatar que o interesse pela leitura se dá, quando além da troca de experiências entre o leitor e o texto, aquele é capaz de questionar, pensar e inferir sobre as entrelinhas de *forma simples e agradável*. Assim, não existem *fórmulas mágicas* que levem crianças à compreensão e ao gosto pela leitura. Para isso é preciso objetividade nas práticas edu-

¹⁰³ [S e A] – Substantivo e adjetivo;

¹⁰⁴ [P.E. de Realce] – Partícula expletiva ou de realce;

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cacionais e nas é que sejamos objetivos em nossas práticas e em nossas propostas frente ao texto, para que o interesse da criança aconteça naturalmente.

Se a Internet é um meio de comunicação de massa poderoso e dinâmico, então, por que não colocar o dinamismo no papel, como fez Dav Pilkey com muita propriedade? Não há um modelo único, isto é, padronizado que se deva seguir, mas existem aspectos estudados aqui suscetíveis de ser considerados e continuados pelos educadores. Assim, busca-se mostrar os aspectos positivos de uma leitura bem orientada e articulada, já que não cabe simplesmente apontar erros ou acertos gramaticais ou semânticos, já que sob esta perspectiva os mesmos não exercem significado expressivo nem para o entendimento, nem para o incentivo à leitura. É evidente que as questões aqui levantadas não encerram discussões, nem estabelecem práticas, mas antes de tudo são pontos de partida para a formação de um leitor, que, inferindo sobre o que lê, é capaz de criar em seu espaço e ousar em seus limites.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilardo. *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Lucerna, 1998.

BURKE, Peter. Crianças pós-modernas. **In:** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 mar. 2009; Caderno Mais!, p. 6

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.

FARAH, Adriane. *O nexos conjuntivo na elaboração infantil de textos*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

FAVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

FERRAZ, Adriana. O incrível Capitão Cueca. *Jornal da Comunidade*, Brasília. 16 jun. 2007, Caderno Educação, p. B1.

FULGÊNCIO, Lúcia. *A leitura na escola*. São Paulo: Contexto, 1996.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

HALLIDAY, M.A. K.; HASAN, Huquaya. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Antônio Houaiss, 2001.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LAKOFF, George; Mark Turner. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura. perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.